

MUNDOS DIVERSIFICADOS EM BENTINHO E DOM CASMURRO

NATÁLIA LOBOR CANCELIER (UFSC)

Dom Casmurro mostra, na pluridimensão analítica da narrativa, múltiplas visões dos elementos que constituem este romance de Machado de Assis, tão especial no estilo quão complexo em se determinar enfoques definitivos para a sua análise. A obra vale por si só, pois que Machado fê-la completa e ampla, mas indeterminável e indefinível, porque sincronicamente presente em uma gama inumerável de aspectos analíticos a que ela se tem submetido. É, portanto, narrativa inesgotável quanto ao seu foco de interesse e às suas características estruturais.

O estudo do personagem central, nesta obra realista, em vista do exposto, pode assumir interesse para a análise psicológica, quer a partir da manifestação do seu ponto de vista, quer na sua atitude de ação e reação frente aos episódios apresentados nesta "fingida autobiografia" do narrador da história. Provas da possibilidade desta análise psicológica encontram-se em Bóris Uspenski, que, com o ponto de vista no plano psicológico, fundamenta a narrativa em "posição autoral imutável coerentemente interna", e em Freud, com sua teoria do "impulso", na qual estão alicerçados as ações e reações de Bentinho e D. Casmurro.

Bentinho, personagem central do romance **Dom Casmurro**, mostra-se, no decorrer da obra, indeciso e inseguro, sonhador e fanta-

sista, quieto e tranqüilo, em síntese, um tipo psicanalítico introvertido. Ele vai evoluindo, lentamente, até o ponto de assumir uma personalidade emocionalmente perturbada por dúvidas em relação à sua inesquecível e incomparável "doce companheira da meninice" (ASSIS, 136). Chega-se ao homem adulto, Dom Casmurro, pelas suas características do "agora", através de reminiscências reais e fantasiosas, de uma meninice e adolescência em grande tensão psicológica.

Há coerência na apresentação dos fatos que constituem a história porque toda a ação que se passa é decorrente do relato perceptivo do estado interno do protagonista que, na obra em questão, principia com Bento, personagem-narrador, caracterizando-se como Dom Casmurro. Este, homem sofrido e incompreendido, demonstra bem o aspecto psicológico em que a apreensão, a quietude interior, a falta de solidez emocional e todos os outros problemas advindos do tipo introspectivo assumem uma energia psíquica capaz de transmutar um "Bentinho" em um "Dom Casmurro".

Eis, Assis, investindo com seu estilo "Machadiano", na busca de uma forma mais realista para mostrar um personagem - Bentinho - imbuído do mais alto grau de desconfiança em relação à sempre amada Capitu, mas tão distante de se conhecer e encontrar a si mesmo. Para isto, Machado não poupou técnica nem conhecimento psicológico dos inúmeros indivíduos que transformou em personagens, como mãe Glória, vizinho Pádua, José Dias, tio Cosme, todos personagens especiais dentro da obra, que são observados por Bentinho. Através desta observação dos personagens, Bentinho se inteira a D. Casmurro, na sua convicção de aproximar o presente ao passado onde ele havia descoberto o amor. "Agora", falta-lhe a amada, o filho — que ele, admite, não teve — os amigos e... "... falto eu mesmo..." (ASSIS, 68).

Eis trechos que comprovam isto:

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi **nem o que** fui (ASSIS, 68).

Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, **mas não a mim**. Os amigos que me restam são de data recente; **todos os antigos foram estudar a**

geologia dos campos santos (ASSIS, 69).

Talvez a narração **me desse a ilusão**, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem mas o do Fausto: **Aí vindes outra vez, inquietas sombras...** (ASSIS, 69).

... e vou deitar ao papel as reminiscências que vierem vindo. Deste modo, **viverei o que vivi**, e asentarei a mão para alguma obra de maior tomo (ASSIS, 69).

Bentinho manifesta-se, desde o início da narrativa, tímido e muito temeroso. Desconfia muito de tudo e de todos, e testa sua curiosidade nas observações que faz, mesmo ao se deixar ficar, por alguns minutos, escondido atrás de uma porta. Dali ele vê um mundo sob o prisma da sua indiscrição.

Sua timidez, seu temor e sua desconfiança podem ser evidenciadas nos seguintes trechos:

Ia a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e **escondi-me atrás da porta** (ASSIS, 70).

Minha mãe assoou-se sem responder. Prima Justina creio que se levantou e foi ter com ela. Seguiu-se um alto silêncio, durante o qual **estive a pique de entrar na sala**, mas outra força maior, outra emoção... (ASSIS, 71).

(José Dias) "Levantou-se para ir buscar o gamão, que estava no interior da casa. **Cosi-me muito à parede**, e vi-o passar com as suas calças brancas engomadas, presilhas, rodapé e gravata de mola (ASSIS, 72).

Mamãe! Mamãe! Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:

- Mana Glória, pois um tamanhão destes tem **medo** de besta mansa?" (ASSIS, 75).

A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde, **menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar**. Agora é que ele vai namorar deveras, disseram quando eu comecei as lições (ASSIS, 75).

Dom Casmurro, consciente "agora" da sua grande emoção pela descoberta que faz, através da denúncia de José Dias, quanto ao envolvimento afetivo de "Bentinho menino" e Capitu, revive, com

incontido relato prazeroso, os primeiros momentos do seu grande amor no passado:

Mas não adiantemos; vamos à primeira tarde, em que eu vim a saber **que já cantava**, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. **A mim é que ele me denunciou** (ASSIS, 80).

Bentinho é acometido de uma reação de inquietude frente à "descoberta" que o leva a detectar, em si, características que lhe são desconhecidas. Indeciso, "atordoado" mas ciente da real significação da sua mudança de atitude, recebe "amparo" psicológico dos elementos que compõem a natureza. O coqueiro fala a Bentinho e seu argumento convence-o. O "pecado" dele pareceu inexistente. Eis a confirmação disto:

Tijolos que pisei e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou, em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo me dispersava, e me trazia arrepios, e me derramava não sei que bálsamo interior. Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que **desmentia** a abominação do meu pecado (ASSIS, 81).

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e **eu cria nos coqueiros velhos**, mais ainda que nos velhos livros. Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar **era da mesma opinião** (ASSIS, 81).

Dom Casmurro "só agora entendia" o seu passado de emoção incontida, mesmo porque, a tentativa de aproximar o presente desse passado, torna-se tão real que ele revive, através do pensamento retrospectivo a sua Capitu; ela falando ou andando:

Pois, francamente, **só agora** entendia a emoção que me davam essas e outras confidências. A emoção era doce e nova, mas a causa dela fugia-me, sem que eu a buscasse nem suspeitasse. Os silêncios dos últimos dias, que me não descobriam nada, **agora** os sentia como sinais de alguma cousa, e assim as meias palavras, as perguntas curiosas, as respostas vagas, os cuidados,

o gosto de recordar a infância. Também adverti que era fenômeno recente acordar com o pensamento em Capitu, e escutá-la de memória, e estremecer quando lhe ouvia os passos (ASSIS, 82).

Bentinho passa por momentos de evasão da consciência, agindo automaticamente e sentindo uma incrível mudança em seu íntimo. Está amando Capitu. Seu corpo, nas partes ativas da reação mecânica, assume atitudes por Bentinho ou, então, por reação contrária, ficava estático. As pernas não reagiam; a língua não era encontrada; os olhos falavam e as mãos sentiam. Ele, absorto pela nova sensação, está carregado de energia psíquica, ligada a Capitu. Comprova-se estas ações e reações de Bentinho nestes trechos:

Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. **Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.** Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira (ASSIS, 83).

Não me pude ter. As pernas **desceram-me** os três degraus que davam para a chácara, e caminhavam para o quintal vizinho. Era costume delas, às tardes, e às manhãs também. Que as **pernas também são pessoas**, apenas inferiores aos braços, e valem de si mesmas, quando a cabeça não as rege por meio de idéias (ASSIS, 83).

Quis passar ao quintal, mas as pernas, há pouco tão andarilhas pareciam agora presas ao chão. Afinal fiz um esforço, empurrei a porta, e entrei (ASSIS, 84).

Quis insistir que nada mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos (ASSIS, 84).

Não nos movemos, as **mãos é que se estenderam** pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se (ASSIS, 85).

Os **olhos** continuaram a **dizer** coisas infinitas, as **palavras de boca é que nem tentavam sair**, tornavam ao coração caladas como vinham... (ASSIS, 85).

A timidez do protagonista cede ao "impulso" que o impele para a atividade: Bentinho age por vontade que se "acende" nele;

a energia psíquica manifesta-se e verbos ativos - "dei" e "voltei" — assumem, com ele, uma reação.

Foi o mesmo que **acender em mim o desejo de ler** o que era.

Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

BENTO

CAPITOLINA

Voltei-me para ela. Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... (ASSIS, 85).

O impulso (ou energia psíquica que produz uma tensão) recebe um estímulo que impele o indivíduo para a ação (ou atividade), levando-o a uma atitude objetiva, a **gratificação**, ou a uma posição subjetiva, a **cessação da tensão**.

O ser humano, de acordo com a teoria de Freud, mantém-se em equilíbrio com seus dois impulsos, o agressivo ou catabólico, e o erótico ou anabólico. Esse equilíbrio é variável e não mensurável pois que se trata de reação psicológica, suscetível de mudanças em vista da experiência a que o indivíduo pode se submeter ou à reflexão, recebendo estímulo de modo positivo ou negativo.

Observa-se, com freqüência, que o homem, por razões que a lógica nem sempre esclarece, tem reações de agressividade em períodos nos quais havia domínio do impulso erótico. Bentinho vai ser dominado por este impulso agressivo, quando reage, em pensamento, ao que José Dias diz à mãe Glória, não o defendendo do seminário, conforme prometera.

Eis a comprovação do fato:

Disse isto fechando o punho, e proferi outras ameaças. Ao relembra-las, não me acho ridículo; a adolescência e a infância não são, neste ponto, ridículas; é um dos seus privilégios. Este mal ou este perigo começa na mocidade, cresce na madureza e atinge o maior grau na velhice. Aos quinze anos, há até certa graça em ameaçar muito e não executar nada (ASSIS, 91).

Grande parte do romance apresenta a "promessa" que mãe Glória fez, antes do nascimento de Bentinho: ele teria que ser padre. Entretanto, o filho único (e vivo) de dona Glória não pre-

tende pertencer ao clero e, por razões afetivas e por "vocação", ele, com a ajuda das "tramas" de Capitu, vai dando reais motivos para não ingressar no seminário. Capitu age e impele Bentinho a se decidir. O medo e a indecisão são fortes em Bentinho, por sua vez a perspectiva de não ficar ao lado de sua "amada vizinha" atua como energia psíquica muito potente, de tal sorte que os planos da filha de Pádua são colocados em prática.

Novo estímulo obtido através da experiência do beijo, na adolescência de Bentinho, fê-lo sentir-se "homem". E "homem" sente-se Dom Casmurro ao rememorar este episódio, com tamanha intensidade que seus ouvidos sentem presente "agora" o som da palavra designativa de maturidade.

De repente, sem querer, sem pensar, saiu-me da boca esta palavra de orgulho:

- Sou homem!

Supus que me tivessem ouvido, porque a palavra saiu em voz alta, e corri à porta da alcova. Não havia ninguém fora. Voltei para dentro e, baixinho repeti que era homem. Ainda agora tenho o eco aos meus ouvidos (ASSIS, 114)

Dom Casmurro experimenta do estímulo da reminiscência e revive, em fantasias da memória, o momento inesquecível do êxtase da meninice:

- Sou homem!

Quando repeti isto, pela terceira vez, pensei no seminário, mas como se pensa em perigo que passou, um mal abortado, um pesadelo extinto; todos os meus nervos me disseram que homens não são padres. O sangue era da mesma opinião. Outra vez senti os beijos de Capitu. Talvez abuso um pouco das reminiscências osculares; mas a saudade é isto mesmo; é o passar e o repassar das memórias antigas (ASSIS, 115).

Os beijos se sucedem em tentativas vitoriosas ou não de Bentinho. Ele deixou a timidez dar lugar à evasão afetiva descontraída, entretanto Capitu resiste aos beijos de Bentinho. Nestes momentos de enlevo amoroso, Bentinho é impelido para a "gratificação" e, psicologicamente, seu impulso erótico conduz suas ações e reações.

Mais tarde, quando já no seminário, notícias sobre atitudes de Capitu descontrolam o equilíbrio da energia psíquica em Benti-

inho. Torna-se agressivo em pensamento e Dom Casmurro sofre ao lembrar com tanta clareza os momentos lastimosos de uma possível traição de Capitu. O coração bateu forte em Bentinho e "agora" em D. Casmurro:

A minha memória ouve ainda **agora** as pancadas do coração naquele instante (ASSIS,152)

Sonhos, fantasias do inconsciente, tomam conta de Bentinho, entretanto passam rápidos e, por vezes, são interrompidos. Ele tenta retomar o sonho e não consegue. Dom Casmurro, ao rememorar tal episódio, tenta, na velhice, "retomar" o sonho truncado da mocidade. Da mesma forma que não conseguiu "ligar as duas pontas da vida", esta investida de reviver e continuar o sonho da meninice, também não se realizou.

O sonho para Bentinho funcionava como estímulo para alcançar a gratificação: presença da fisionomia de Capitu e seu beijo. Dom Casmurro é impelido para esta mesma tentativa de gratificação que o levaria, da mesma forma, a Capitu e seus beijos. Bentinho estava longe de Capitu — no seminário — e Dom Casmurro, irremediavelmente separado de sua inesquecível amada. Quando a realidade inexistente, a fantasia ou o sonho tomam conta do pensamento individual:

... é fechar e apertar muito os olhos e ver se **continua pela noite velha** o sonho truncado na **noite moça** (ASSIS, 154).

Bentinho, tomado pelo ciúme, deixa, inconscientemente, dar vazão à descarga do impulso agressivo, que se sobrepõe ao impulso afetivo, catabolicamente.

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, **mas não escapei a mim mesmo**. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu **falava-me**, eu **perseguia-me**, eu **atirava-me à cama**, e **rolava comigo**, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me já ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu, frio e sereno, não teria mais que **desprezo**, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava-lhe perversa. **Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre eles**.

.....
A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pes-

çoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue... (ASSIS, 167, 168).

Em situação consciente, o impulso agressivo atinge outrapessoa, que não o seu amor. A intensidade é semelhante, entretanto o objetivo da agressão apresenta-se bem outro. A agressividade recai em prima Justina por ter feito um comentário sobre Bentinho e Capitu diante de mãe Glória.

- Talvez ficassem namorando, insinuou prima Justina.

Não a matei por não ter à mão ferro nem corda, pistola nem punhal; mas os olhos que lhe deitei, se pudessem matar, teriam suprido tudo. Um dos erros da Providência foi deixar ao homem unicamente os braços e os dentes, como armas de ataque, e as pernas como armas de fuga ou de defesa (ASSIS, 174 e 175).

Soluciona-se o problema da promessa de Dona Glória, mãe de Bentinho, de tornar o filho padre, por intermédio da sugestão de Capitu: ordenar um órfão em lugar do dileto aluno de Padre Cabral. Assim, o filho de Dona Glória consegue formar-se em Direito e, pouco depois, casa-se com a amada vizinha da meninice.

A alegria, a felicidade de livrar-se do seminário e casar com Capitu é complementada com o nascimento de Ezequiel, o qual configura-se como um acontecimento gratificante na vida da família. Bento ilumina-se de alegria:

A minha alegria quando ele nasceu, não sei dizê-la; nunca a tive igual, nem creio que a possa haver idêntica, ou que de longe ou de perto se pareça com ela (ASSIS, 206).

Aos poucos, a felicidade do matrimônio, adicionada ao alegre convívio entre o casal e Ezequiel, recebe um impacto e resulta numa série de desentendimentos entre marido e mulher.

O tempo vai passando, Ezequiel crescendo e com ele, sua semelhança com Escobar. Bentinho já não é o mesmo. Nem mesma mostra-se a relação matrimonial do filho de D. Glória e Capitu. Avoluma-se a desconfiança de Bentinho por Capitu. Vai crescendo uma tendência agressiva nele para atingir "mãe e filho".

O texto exemplifica a semelhança que há entre Ezequiel e Escobar:

Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escola, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção de costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para me não descobrir a mim mesmo e ao mundo. Mas o que pudesse dissimular ao mundo, não podia fazê-lo a mim, que vivia mais perto de mim que ninguém (ASSIS, 232).

O impulso agressivo domina Bentinho. Ele tenta o suicídio. Pensa em assassinar Capitu e filho, mas resolve afastá-los para bem longe de seus olhos. Pensa que, assim, seu sofrimento minimizaria:

Quando me achei com a morte no bolso senti tamanha alegria como se acabasse de tirar a sorte grande, ou ainda maior, porque o prêmio da loteria gasta-se, e a morte não se gasta. Fui a casa de minha mãe, com o fim de despedir-me, a título de visita.

.....
O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer.

.....
Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte (ASSIS, 235).

Muitos anos depois, morre Capitu na Europa. Ezequiel, homem feito, retorna ao Brasil para visitar o pai. Bentinho vê no filho o amigo do seminário, tal a semelhança da fisionomia e da voz. Envelhecido, torturado pelas lembranças e saudades da meninice, e sobretudo sozinho, eis Bento, homem maduro, vivido e infeliz. É criatura magoada e ferida no seu íntimo. Tenta desferir uma última agressividade contra seu filho. Muitas das suas reações agressivas aparecem por palavras, por pensamentos, por idéias, entretanto, poucos são os momentos, em que as ações demonstram maior objetividade.

Eis, um texto em que um pensamento agressivo toma conta de Bento:

Comigo disse que uma das conseqüências dos amores furtivos do pai era pagar eu as arqueologias do filho; antes lhe pagasse a lepra... Quando esta idéia me atravessou o cérebro, senti-me tão cruel e perverso

que peguei no rapaz, e quis apertá-lo ao coração, mas recuei; encarei-o depois, como se faz a um filho de verdade; os olhos que ele me deitou foram ternos e agradecidos (ASSIS, 246).

Na luta de trazer o passado para o presente, Dom Casmurro consegue manter o Bentinho dentro de si, assim como ele tentou reconstruir a sua casa da meninice, mas aí faltavam as pessoas. Daí decorre a não-presença marcante em sua vida:

Se só me faltassem os outros, vá. Um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; **mas falta eu mesmo**, e esta lacuna é tudo (ASSIS, 69).

Um poeta não teve sensibilidade suficiente para compreender a solidão de um homem. Foi este poeta que "alcanhou" Bento de Dom Casmurro. Este fato fica esclarecido com o trecho:

No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcanhando-me Dom Casmurro. Os vizinhos, que não gostam dos meus hábitos reclusos e calados, deram curso à alcunha, que afinal pegou.

.....
Não consultes dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que eles lhe dão, mas no que lhe põs o vulgo de homem calado e metido consigo (ASSIS, 67).

Bentinho aparece, desde o início da narrativa, como um personagem difícil. Compreendê-lo, através da visão de Dom Casmurro, não pressupõe tarefa acessível a uma análise superficial das abordagens que possam ser feitas a respeito deste personagem.

No presente estudo psicológico, referindo-se à observação do impulso agressivo versus impulso erótico, mostra-se um personagem que evolui em duas ordens diferentes: crescente em maturidade e variável na manifestação da energia psíquica. Ele chega, à idade adulta tendo passado por uma série de acontecimentos que o atingiram emocionalmente.

Trajetória árdua, tanto mais por ser uma travessia em que o pensamento objetivo debate-se com o afetivo, nos momentos decisivos da vida de Bentinho - D. Casmurro: a um só tempo "homens-amantes", "homens-meninos", "homens-mal-amados" e "homens-problemáticos". Em todas as etapas, o medo apresenta-se como manifestação de um estado emotivo que perturba as ações e reações deste

personagem de Dom Casmurro, ao ponto de transtorná-lo psicologicamente. Medo de enfrentar as pessoas, medo de se conscientizar das verdades, medo de ser ele mesmo - Bentinho dentro de Dom Casmurro - são sentimentos que o impulsionam a tentar viver o passado dentro do presente. Retrocede, revive, revolta-se, retoma, reafirma, readmite mas... o passado não existe mais, somente lembranças estão presentes na memória de "Bento-Casmurro".

E a vida presente, para eles? É o sonho. É a fantasia. É a constante luta do consciente com o inconsciente. É "casmurrar" a vida de Bentinho e procurar "amarrar" as "duas pontas da vida".

Eis o homem, o moço dentro do velho. Bentinho diverso. D. Casmurro, diversificado.

Referências Bibliográficas

1. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Comissão Machado de Assis, 1969.
2. CASTRO, Walter de. **Metáforas Machadianas: estruturas e funções**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
3. LOPES, José Leme. **A Psiquiatria de Machado de Assis**. Rio de Janeiro, Agir, INL, 1974.
4. FREUD, Sigmund. **A general Introduction to Psychoanalysis**, Partes 1, 2, 3. Nova York: Garden City Publishing Company, 1938.
5. JORDAN, Furneaux. **Character as seen in Body and Parentage**. Londres, 3.ed., 1896.
6. JUNG, C.G. **Tipos psicológicos**. Rio de Janeiro, 4.ed. Zahar editores, 1981.
7. _____. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro, 4.ed. Editora Nova Fronteira, 1963.
8. USPENSKI, Bóris. **A Poetics of Composition** (trad. de Valentina Zavarin e Susan Wittig), Berkeley, University of California Press, 1973.
9. GUERIN, Wilfred & MORGAN, Lee. **Abordagens Críticas à Literatura**. Rio de Janeiro, Editora Lidador Ltda., 1966.
10. FOULQUÉ, Paul. **A Psicologia Contemporânea** (in **Atualidades psicológicas**, vol. 74), São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.

11. SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Literatura-Psicanálise.** Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1975 (Conferências).
12. CASASSANTA, Mário. **Machado de Assis e o Tédio a Controvérsia.** Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1934.
13. JUCÁ (filho), Cândido. **O Pensamento e a Expressão em Machado de Assis.** Rio de Janeiro, L. Fernandes, 1939.
14. VALE, Luís Ribeiro do. **A Psicologia Mórbida na Obra de Machado de Assis.** Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1917.
15. PEREGRINO JÚNIOR. **Problemas Psicológicos do Romance Brasileiro.** Rio de Janeiro, 1952.

